

# Excursus sobre tempos cerrados

## An excursus on constricted times

Jacqueline Kaczorowski<sup>1</sup>

---

RESUMO: Se grande parte da obra de José Luandino Vieira foi escrita em situação de confinamento, pouco se assemelha ao tipo de isolamento requerido pela pandemia que nos assola. A prisão, condição muito mais radical, confiscou 12 anos da vida do escritor que passou, a partir de então, a recorrer à própria memória para “substituir a vida” enquanto a tinha “hipotecada por vários anos” (VIEIRA, 2015, p.9). Em *Papéis da Prisão*, reunião de parte do material produzido neste contexto, é possível encontrar, no entanto, passagens que podem encontrar eco no presente ao refletir acerca das modificações que a relação com o tempo sofre quando a relação com o espaço é forçosamente modificada.

ABSTRACT: If much of José Luandino Vieira's work was written in a situation of confinement, it has little resemblance to the type of isolation required by the pandemic scenario that plagues us. Prison, a much more radical condition, confiscated 12 years of the writer's life who began, from then on, to resort to his memory to “replace life” while he had it “mortgaged for several years” (VIEIRA, 2015, p.9). In *Papéis da Prisão*, a collection of part of the material produced in this context, it is possible to find, however, passages that can be echoed in the present when reflecting on the changes that the relationship with time undergoes when the relationship with space is forcibly modified.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura angolana; Luandino Vieira; *Papéis da Prisão*.

KEYWORDS: Angolan literature; Luandino Vieira; *Papéis da Prisão*.

*Só podemos esquecer o tempo  
servindo-nos dele.*

Baudelaire  
(*Journaux Intimes*)

(Nota presente, desta forma, no Caderno de número 02.  
In: VIEIRA, José Luandino. *Papéis da Prisão*. Alfragide: Editorial Caminho, 2015, p.103)

---

<sup>1</sup>Bacharelado em Letras. Mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (PPGECLLP/USP). Bolsista CAPES.

---

## Introdução

A Literatura, assim como a História, costuma lembrar aos seus leitores que muitos momentos já convidaram a humanidade ao desespero, à tristeza, ao cansaço extremo e mesmo à tentação da desistência. Momentos de crise não são raros em nossa trajetória comum e, se a memória coletiva, muitas vezes assentada na escrita, relembra dores e fraquezas, é também competente em lembrar que, por outro lado, a humanidade já atravessou muitas adversidades – algumas que guardam semelhanças com o presente – e, assim, aprender com o passado é sempre um convite renovado.

Experiências humanas cifradas em arte são parte do precioso repertório que rememora nosso potencial coletivo de resistência e nos recorda que a humanidade é insistente e adaptável, ainda que nem sempre encontre as melhores soluções para cada desafio. Assim, visitar a Literatura em busca de sopros de esperança (ou, mesmo, de desalento), pode permitir encontrar ressonância em dores coletivas já vividas e ultrapassadas e, quem sabe, ajudar a elaborar a compreensão do presente. Lembrar que temos uma História, que nada perdura para sempre e que houve momentos até mesmo mais duros que o atual pode ajudar a colocar nossos problemas em perspectiva e renovar as forças para atravessar as dificuldades.

Resgatar o acervo coletivo depositado em formas artísticas pode também ajudar a não esquecer que para buscar soluções criativas e construir o novo não é necessário sempre voltar a “inventar a roda”. Acessar a arte como “autoconsciência do desenvolvimento da humanidade” (LUKÁCS, 1978, p.282), além da abertura à projeção do que poderíamos ser, valoriza o acúmulo de esforço humano que nos trouxe até aqui e, se não oferece respostas prontas aos impasses, é competente em incentivar sua procura e qualificar as perguntas.

Durante a pandemia do COVID-19, muitas pesquisas veiculadas pela mídia demonstraram que a “fuga” para a arte, em suas mais diversas manifestações, fez parte das estratégias de sobrevivência adotadas no decorrer do período de

---

confinamento<sup>2</sup>, o que demonstra que o contato com elaborações artísticas guarda ainda funções psicológicas muito importantes.

As emoções humanas codificadas metaforicamente na produção artística ensinam a acessar outras emoções, outras formas das mesmas emoções e, ainda, educam a sensibilidade. O filósofo Alexander Baumgarten, responsável por cunhar o termo, define estética como “a ciência do conhecimento sensitivo” (1993, p.95). Para Walter Benjamin, a estética diz respeito ao modo de organização dos sentidos e da percepção (1994, p.192). A arte tem o potencial de ajudar os seres humanos a compreender e apurar a própria sensibilidade, acessar o exercício da alteridade e reconhecer melhor a própria condição.

Freud, autor que tem sido bastante lembrado em meio à outra pandemia, silenciosa, de doenças mentais<sup>3</sup> – que acompanhou a COVID – considera a estética não somente a “teoria da beleza, mas a teoria das qualidades do sentir” (1996, p.237). Uma vez que a busca por apoio psicológico e terapêutico profissional aumentou muito e tem sido assunto recorrente em meio à pandemia, talvez valha lembrar que muitos dos conceitos fundamentais da própria Psicanálise foram construídos em relação direta e estreita com fontes literárias – o que demonstram conceitos como narcisismo, complexo de Édipo, catarse, Eros, castração, entre outros. O trabalho do intelectual, tributário também do romantismo alemão, tem a Literatura como um dos objetos centrais em seu pensamento e recorre às narrativas em sua busca por compreender o funcionamento psíquico humano em profundidade, defendendo a ideia de que o artista mobiliza elementos inconscientes que, muitas vezes, nem ele próprio compreende e que o público é

---

<sup>2</sup> Como atesta a breve recolha de notícias sobre o aumento do consumo de ficção e produtos culturais na pandemia que pode ser consultada nas referências bibliográficas.

<sup>3</sup> Apenas como exemplo, entre tantos possíveis: “Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo” (Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>>, consultado em 05/2022); “O agravamento dos transtornos mentais durante a pandemia” (Disponível em: <<https://agencia.fapesp.br/o-agravamento-dos-transtornos-mentais-durante-a-pandemia/34505/>>, consultado em 05/2022).

---

captado por esses elementos, que também podem o atingir de formas que não entende, mas de alguma maneira reconhece.

Se toda uma área criada com o objetivo de reconciliar o ser humano consigo mesmo, com suas lacunas e seus elementos inconscientes recorre também à Literatura, é possível afirmar que, como outras, esta linguagem artística é forma de elaboração poderosa, que talvez possa, de maneiras nem sempre evidentes, ajudar a atravessar momentos duros.

## Escrita e(m) confinamento

José Luandino Vieira é um escritor que experienciou não só a dureza de um prolongado confinamento, como também a de um momento histórico conturbado cuja violência ainda ressoa no presente. Um dos recursos que encontrou para sobreviver à reclusão foi a escrita, como é possível notar desde o primeiro excerto de seus Papéis da Prisão (2015, p.10):

Ao chegar preso a Luanda, em 25 de Novembro, percebi imediatamente que tinha a vida hipotecada por vários anos. Seria necessário que a memória, daí em diante, a substituísse – por isso aqui se inclui o que já recuperei: um exemplo dos calendários fabricados que sempre mantive; um excerto da primeira carta escrita da prisão; e a capa dos «papéis» a escrever logo que criadas as necessárias condições para a sua movimentação clandestina. E procuro ainda cerca de meia centena de cartas anteriores aos «papéis».

Do Aljube, em Lisboa, ao Campo de Trabalho no Tarrafal, passando por todas as cadeias disponíveis na nossa terra de Luanda, palmilhei doze anos da estrada da minha vida. Hoje, continuando essa caminhada, vou carregando o que dela está em mim e nos escritos que fui produzindo. Aqui estou e se publicam.

José Luandino Vieira  
Novembro de 2015

A publicação resulta da compilação de 17 cadernos compostos entre 1962 e 1971, recheados dos mais variados tipos de material de registro, somando aproximadamente duas mil folhas manuscritas, cuidadosamente organizadas e trabalhadas em conjunto com uma equipe do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, liderada por Margarida Calafate Ribeiro, Mónica V. Silva e Roberto Vecchi. Percebe-se, no rico material, a presença de “cartas, diários e apontamentos por organizar” (2015, p.9), entre os quais também é possível encontrar esboços literários.

Embora a situação de confinamento que hipotecou por 12 anos a vida do escritor tenha sido certamente muito mais radical do que aquela que nos levou ao isolamento em nossas próprias casas, ao ler sua obra podemos encontrar pontos de contato imprevistos com a situação presente. Entre os elementos comuns às situações tão diversas dos recolhimentos que nos assolaram, certamente merece destaque a mudança da relação com o tempo. Se é evidente no campo teórico, da Matemática à Literatura, que tempo e espaço são indissolúveis (como bem expressa o conhecido conceito de *cronotopo*<sup>4</sup>), não haveria como a mudança da relação com o espaço não afetar a relação com o tempo – o que explica a recorrência do esgarçamento temporal nas escritas de cárcere.

Nestas obras, é recorrente a reflexão acerca das transformações da relação com o tempo em espaços de clausura e suas consequências psicológicas. Graciliano Ramos, em suas *Memórias do Cárcere*, lembra em diversas passagens que o rebaixamento mental é também característica que acompanha esta condição:

Nenhum sinal me orientava; a noite preguiçosa a arrastar-se; impossível saber se me achava no princípio ou no fim dela. Na verdade o tempo não era o que havia sido: tornara-se confuso e lento, cheio de soluções de continuidade, e nesses hiatos

---

<sup>4</sup> Em *Teoria do romance*, Bakhtin explica a origem de seu conhecido conceito de *cronotopo*, elaborado com base em um empréstimo das ciências matemáticas, segundo o qual a inseparabilidade entre as dimensões de tempo e espaço “como categoria de conteúdo-forma determina (em grande medida) também a imagem do homem na literatura” (2018, p.12).

---

vertiginosos perdia-me, escorregava, os olhos turvos, numa sensação de queda ou voo. Náuseas, aperto no diafragma. Evidentemente se tudo em redor me parecia vago e incompreensível, se até a noção de tempo se modificava, cá dentro deviam as coisas passar-se de maneira lastimosa, esta velha máquina emperrava. Sem dúvida, inquietava-me perceber que me havia tornado, naquela pausa singular, estúpido em demasia. A atenção embotada saltava frequentemente de um assunto para outro, sem conseguir estabelecer a mais simples relação entre eles, e às vezes ficava a doidejar, a rodear pormenores, como peru, tentando decifrar insignificâncias. (2014, p.95)

As palavras me chegavam quase destituídas de significação, às vezes me surpreendia lançando respostas a perguntas indefinidas. Sem querer, me insinuava aos poucos no ambiente novo, na sociedade esquisita. Fumava sem descontinuar. Ainda possuía cigarros; os fósforos tinham-se esgotado à noite, e não sei como pude obter uma caixa. Perceber-me-iam em redor a desatenção? Talvez não me achasse desatento: ocupava-me de muitas coisas, misturava-as, confundia-as, desorientava-me em avanços e recuos no tempo e não me era possível fixar nada no espírito. (*Ibidem*, p.125)

Como as informações se multiplicassem, tentei saber em que se baseavam. Nada de concreto: sugestões malévolas apenas. Indícios confusos encorpavam ali dentro, ganhavam relevo, mudavam-se em provas. Fora do mundo, aqueles espíritos caíam em forte impressionabilidade, gastavam as horas longas criando fantasmas ou admitindo, ingênuos, inventos alheios, as informações mais disparatadas. Só mais tarde percebi como embustes grosseiros nos enleiam no cárcere e esforcei-me com desespero por vencer o rebaixamento mental, a credulidade estúpida. (*Ibidem*, p.129)

Em muitos momentos o escritor reflete sobre a perda da noção do tempo associada à monotonia da prisão e o conseqüente rebaixamento do juízo que identifica em si. A repetição decorrente do aprisionamento em um espaço que não oferece possibilidades de arejar o pensamento afeta a percepção de tal maneira que o escritor se sente embotado, “como peru, tentando decifrar insignificâncias” (2014, p.95). É meditando acerca desses assuntos que perceberá também que é preciso um esforço consciente e recorrente para tentar vencer, ao menos mentalmente, as condições impostas pelo contexto.

Embora o tipo de escrita guarde semelhanças<sup>5</sup>, os *Papéis da Prisão* abrangem uma temporalidade muito mais alongada que as *Memórias do Cárcere*. Assim, um dos elementos que se evidenciam com força nos cadernos de Luandino Vieira é a transformação da relação com o tempo ao longo dos anos. Afinal, suas 1086 páginas reúnem “12 anos da vida de uma pessoa multiplicados por cada segundo”<sup>6</sup>, conforme declarou o autor no evento de lançamento da obra. Tanto em sua fala neste lançamento quanto na passagem que abre a publicação pode-se notar também o compromisso ético do escritor que decide publicar em vida os papéis, assumindo total responsabilidade pelo gesto.

Dada a extensão do material e a necessidade de recorte, foram selecionadas algumas passagens nas quais a reflexão sobre o tempo aparece de maneira mais explícita, dado que, desde o início, é possível notar o peso que tal aspecto ganha na economia da obra. O primeiro recorte inicia-se no momento em que Luandino Vieira será transferido para o Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, onde passará longos 8 anos:

**31-VII-64**

Encerro aqui esta parte do diário. Agora outra fase se iniciará com esta viagem e depois a permanência em Cabo Verde.

Voltarei vivo? Morto não posso voltar...

Parto calmo e confiante no futuro. Tenho a K., o Xexe, a minha terra, o m/povo e uma luta que é uma das últimas em prol da futura vida nova no nosso planeta. Possa eu, agora, em 1964, Angola, África, ser digno sempre desses homens futuros. (2015, p.540)

Chama a atenção o fato de, mesmo após quase 3 anos de prisão (iniciada em novembro de 61), o autor ainda nutrir esperança no futuro, contornando o desalento que o encarceramento impunha e que aparece também expresso em outros momentos dos cadernos. A confiança na justiça da luta coletiva fortalece o escritor que vê, em seu amor por sua terra, Angola, “apenas a forma do [s]eu amor

<sup>5</sup> O que incentiva estudos comparativos entre as duas obras, como exemplificam trabalhos de Elisa Scaraggi (Disponível em:<[https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016\\_1491246387.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491246387.pdf)>) e outros.

<sup>6</sup> Cf. <<https://www.publico.pt/2015/11/24/culturaipsilon/noticia/jose-luandino-vieira-isto-nao-e-um-livro-sao-12-anos-de-vida-1715501>> (consultado em março de 2019).

---

pela humanidade” (2015, p.705), cujo futuro é preciso mudar “em prol da futura vida nova”. Em outros momentos, podemos verificar registros que apenas pontuam a marcação do tempo de prisão, como o que inicia o próximo excerto:

**20-IX[-1965]**

46 meses.

\*

Ao aproximar-se o dia de anos da K. cada vez mais medito na necessidade de intervir que sinto de uma conversa mto. séria c/ ela sobre a sua juventude que está passando assim, dizer-lhe o que tantas vezes tenho tentado dizer e que ela que não me deixa... Mas será difícil dizer-lhe isso, ela ainda não vê que o tempo passa e deixa marcas fundas, que merece viver, alegria, saúde, e tudo o que esta situação lhe não deixa viver. [...]

\*

Gosto mto. dela para me não doer ver assim a sua juventude a estiolar-se numa espera cujo fim se não prevê nem avizinha. (*Ibidem*, p.714)

A passagem logo a seguir ao registro do tempo de encarceramento reflete sobre o decurso do cárcere que corrói não apenas o seu próprio tempo de vida, mas também o da sua companheira, que o aguarda com o filho do lado de fora “numa espera cujo fim não se prevê nem se avizinha” (2015, p.714). As ponderações acerca das marcas fundas que o tempo deixa estabelecem um imperativo ético que gera muitas páginas de questionamentos e dúvidas acerca do que seria melhor para a relação, mantida por tanto tempo à distância:

**23-IX[-1965]**

Anos da L. Dia triste. Mandeí um telegrama que mesmo sincero me parece, à reflexão, uma «defesa» votada ao insucesso da juventude que perdemos nestes anos separados. Mas confesso que não tenho tempo nem disposição para aprofundar este pensamento. De qualquer modo estou mesmo convencido que é assim: ganhe-se algo com a perda de anos e se o espírito se souber manter jovem, pode-se ser jovem muito tempo depois da juventude física. [O que não serve de nada (4-1-66).]

\*



Na carta que escrevi hoje prometi contar-lhe na próxima visita as reflexões que deram origem à minha anotação no dia 20. A nossa amizade exige que lhe ponha o problema de viver os anos que tem – de os não estragar numa espera duvidosa. (*Ibidem*, p.715)

A conclusão a que a reflexão leva é a de que é preciso que Linda aproveite e viva aquilo que ele, recluso, não pode. Mesmo os momentos em que há alguma esperança, como em “ganhe-se algo com a perda de anos e se o espírito se souber manter jovem, pode-se ser jovem muito tempo depois da juventude física”, logo é contrastada com a anotação, posterior, afirmando que isso “não serve de nada”. A oscilação que é possível perceber com a passagem do tempo deve-se, certamente, à angústia provocada pela situação de suspensão e as incertezas a respeito de quanto ainda seria preciso esperar.

Uma outra característica muito interessante dos papéis, que certamente interessa muito aos estudiosos das letras, é a presença viva da Literatura. Seja com recortes e citações anotados, como este:

Que me quereis, perpétuas saudades?  
Com que esperança ainda me enganais?  
Que o tempo que se vai não torna mais,  
E se torna, não tornam as idades.  
Camões (*Ibidem*, anotado e citado desta forma na p.740)

Ou com anotações de expressões, como neste caso:

**15-6[-1967] – (...)**  
(2) Expressões: ele já tem pouca idade (i.e. é velho); ele ainda tem pouca idade (i.e. é novo). (*Ibidem*, p.805)

É possível notar o trabalho incessante do escritor que coleta expressões, vocábulos, canções populares e todo tipo de material linguístico, compondo um rico acervo a partir do qual construirá seus textos ficcionais. Algumas notas irão compor passagens que leitores de suas produções literárias reconhecerão em alguns livros, enquanto outras, como a citação de Camões, parecem estar mais

---

relacionadas a um exercício pessoal de reflexão acerca da própria condição naquele momento. De uma forma e de outra, é possível afirmar que a Literatura é elemento de suma importância à resistência àquelas condições tão duras de suportar. Em muitos momentos podemos encontrar, ainda, anotações de ideias que o escritor gostaria de desenvolver futuramente:

**20-11-67** – (1) Seis anos. Desta vez parece-me que foi ontem. E o resto disse-o à L. hoje. || (2) É preciso desprender-me mais dos aspectos anedóticos da vida, começar a procurar significado e significantes mais profundos – verdades. || (3) Em passeio, um dia, saltou-me uma ideia para uma peça de teatro: um prisioneiro que vive 10 anos do passado, do amor acumulado durante os breves anos de felicidade; na cadeia visitas e cartas de outra moça mais nova. || ao sair tem de encontrar primeiro esta moça; um amor paixão súbito irrompe fruto da imagem dela, mantida enquanto preso; amor violento de gosto pela vida (ele) de vencer a monotonia da vida (ela) com alguém é um símbolo... O dilema (O velho e o novo/passado e futuro/gratidão, fidelidade etc. – resumo: homem dividido num mundo dividido.) (*Ibidem*, p.828)

O esboço esquemático, que poderia dar origem a uma peça de teatro, aparece precedido por outra anotação temporal que, desta vez, surpreende: “Seis anos. Desta vez parece-me que foi ontem” (*Ibidem*). A longevidade da reclusão contrasta radicalmente com a observação posterior, permitindo que o leitor note o tamanho das oscilações que a vivência alongada do confinamento provoca na subjetividade.

Por fim, a última passagem selecionada vem demonstrar o temor provocado pelo decorrer do tempo, que retira ao sujeito a familiaridade com a vida em liberdade, da qual já está há muito privado:

**Domingo, 19[-4-1970]** \* Invento um pretexto para ver a Ana, dar-lhe uns recados para compras – e afinal é só para ver e falar a uma pessoa diferente que me sorri com o seu bonito e cansado sorriso. Reparo que, quando lhe anuncio de véspera querer falar com ela, vem sempre mais limpa, de corpo e vestuário, calçada e me recebe com um sorriso, fala alegremente. Se não o faço e a surpreendo na sua postura de mulher de trabalho, fixa os olhos no chão,

envergonhada e só responde por monossílabos, querendo ir depressa embora. Tem, a despeito da marca dos anos e das fomes, uns pequenos olhos bonitos e vivos e um sorriso juvenil com todos os dentes. Fico sempre melhor quando a vejo assim e me fala assim num meio crioulo meio português muito suave. Uma vez ela disse que «modo que nhô cá tem mãe na Cabo Verde, eu sou a mãe, não é maçada nem trabalho...».

Pensando no Xexe, todo o dia. Nove anos, dentro em pouco. Como estará sendo educado em relação aos grandes deveres de homem, que ideia fará do pai e do facto da prisão; como agirá sobre ele a companhia que, forçosamente, tem na escola; o ambiente da cidade? A minha confiança em ti é ilimitada nesse aspecto – sei que me exageras até aos olhos do nosso miúdo. Mas sei também que uma só pessoa não pode ver ou fazer tudo – e nove anos é muito tempo, mesmo com a tua energia e carácter, minha miúda. É por isso que, normalmente, ao deitar me ponho com ansiedade a sonhar de olhos abertos, a ver-me já de mala na mão, na Marginal. Como será a minha alegria, nesse dia? Recordo o distante dia de Novembro de 59 em que saí da C.R.M. e te esperei – minto! te fiz esperar – na Marginal. Ainda hoje oiço no sangue a alegria daquele momento em que me vi de novo em liberdade. Oxalá nada obscureça a alegria futura. Temo tanto – já não somos jovens, e o tempo mordeu-nos, mordeu-nos, o maldito! (*Ibidem*, p.944)

A referência a Novembro de 59 recupera outro episódio de aprisionamento do escritor, anterior, no famoso “Processo dos 50”<sup>7</sup>, do qual foi liberto antes de ser novamente preso, em 61 – desta vez condenado a 14 anos de reclusão. A idade do filho é indicador cujo peso inegável demonstra a gravidade da situação: efetivamente, “nove anos é muito tempo”, mais ainda se lembrarmos que o autor foi separado do filho quando ainda era bebê, com apenas 4 meses.

## Conclusão

Em suma, os fragmentos selecionados são alguns exemplos, entre tantos presentes nos cadernos, das modificações que a relação com o tempo vai sofrendo ao longo de um período de confinamento tão alargado. As mudanças da

---

<sup>7</sup> Para mais informações a esse respeito, consultar <<https://journals.openedition.org/ras/543#bodyftn5>>, entre outras tantas fontes.

---

percepção, alterações de humor e oscilações da subjetividade são indícios que demonstram que efetivamente a situação de reclusão transforma drasticamente as condições mentais, que precisam de muito esforço para se manterem ativas em uma conjuntura tão degradante.

Posto que o contexto em que o escritor vivenciou a clausura se compara pouco àquele que a pandemia trouxe ao presente, a gravidade daquela situação demonstra com ainda mais força a beleza das lições que o artista tem a transmitir a esse momento: os esboços ficcionais, fragmentos e citações de outras obras, exercícios de imaginação e fabulação são parte de um esforço consciente e consistente de sobrevivência ao rebaixamento mental que parece tão comum em decorrência de alterações radicais da relação com o espaço. Nutrir-se de arte, portanto, foi parte do pacto com a liberdade que Luandino Vieira soube manter mesmo após tantos anos de recolhimento, como forma de sobreviver à adversidade.

Se ainda é possível notar grande ocorrência de relatos que se assemelham àqueles de Graciliano Ramos decorrentes do presente confinamento, além da profusão de casos de adoecimento mental, que seja possível coletivamente encontrar mecanismos que tragam algum alívio e, conscientes da situação, continuar a procura por soluções. Enquanto é construído esse percurso, continuar revisitando obras de arte para buscar alento, identificação, exercícios de imaginação, resistência e, mesmo, desalento, parece sempre produtivo: reconhecer as sombras é também passo importante na caminhada em direção à compreensão e superação de situações adversas.





<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-10/dia-nacional-do-livro-habito-da-leitura-aumentou-na-pandemia>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-08/venda-de-livros-no-pri-meiro-semester-aumenta-485-em-relacao-2020>

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/07/venda-de-ebooks-salta-83-em-2020-e-revela-forca-dos-livros-digitais-na-pandemia.shtml>

<https://veja.abril.com.br/cultura/venda-de-livros-cresce-50-impulsionada-por-ofertas-e-redes-sociais/>

<https://super.abril.com.br/cultura/brasileiro-comprou-mais-livros-na-pandemia-distopias-subiram-no-ranking/>

Recebido em 15/06/2022

Aceito em 30/06/2022